



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6498 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT20 - Psicologia da Educação

O AFETO NA CONCEPÇÃO PSICANALÍTICA: POSSIBILIDADES DE CONHECIMENTO DE SI E DO OUTRO NO CAMPO DA EDUCAÇÃO

Francisco de Assis Carvalho de Almada - UFMA - Universidade Federal do Maranhão

Ilma Maria de Oliveira Silva - Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão

Antonio Sousa Alves - UFMA - Universidade Federal do Maranhão

O AFETO NA CONCEPÇÃO PSICANALÍTICA: POSSIBILIDADES DE CONHECIMENTO DE SI E DO OUTRO NO CAMPO DA EDUCAÇÃO

RESUMO: Este trabalho trata de afeto e educação escolar. Tem como objetivo refletir sobre o sentido do afeto na psicanálise freudiana e suas possíveis contribuições para o campo da educação escolar. É um trabalho de cunho teórico e para o qual tomamos como referência básica a obra *Estudos Sobre a Histeria* de Sigmund Freud e Josef Breuer. Procuramos mostrar a importância que Freud deu aos afetos nos tratamentos das questões psíquicas relacionadas às desordens emocionais e seu esforço para demonstrar que na vida mental existem conteúdos que desconhecemos e que não dependem de nossa vontade para virem à tona. Concluímos que os afetos, assim como nos casos clínicos estudados por Freud, também podem desempenhar papel fundamental nas relações de emoções e sentimentos que permeiam o ambiente escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Afeto. Psicanálise. Educação.

1 INTRODUÇÃO

Todo os professores e professoras sabem – ou pelo menos deveria saber - a importância das contribuições da psicologia no campo da educação. Seja no sentido de conhecer o outro, seja no sentido de compreender o fenômeno educativo. E sabem, também, que quando se fala em psicologia, de maneira geral, a psicanálise é a primeira ideia que vem a nossa cabeça[1]. Mas, na prática educativa é o campo de conhecimento menos utilizado. Até certo ponto, isso é compreensível, afinal a psicanálise não formulou nenhuma base explicativa de como a criança aprende ou de como o professor deve ensinar. No entanto, ela fornece importantes possibilidades de conhecimento do sujeito professor e do sujeito aluno e os processos afetivos que permeiam as relações em sala de aulas. O afeto está relacionado às sensibilidades internas e se orientam em direção ao mundo social e para a construção da

pessoa. Portanto, ele é tão importante para a apropriação do conhecimento quanto às metodologias de ensino.

As interpretações cotidianas definem o afeto como sentimentos de bondade, benevolência, devoção, proteção, apego, gratidão e ternura. A psicanálise não nega as definições cotidianas, mas vai além e define o afeto como “[...] um estado emocional que inclui toda gama de sentimentos humanos do mais agradável ao mais insuportável, manifestado de forma violenta, física ou psíquica, de modo imediato ou adiado” (CORRÊA, 2005, p. 63). Portanto, o afeto não abrange somente os sentimentos de bondade e ternura, mas todas as manifestações de sentimentos.

Antes da construção da psicanálise, os tratamentos das questões psíquicas relacionadas às desordens emocionais, além de ineficazes, eram, até certo ponto, perigosos e preconceituosos. Freud foi o primeiro estudioso a desenvolver um esforço científico para o tratamento dessas desordens. Desde o início de seus estudos ele defendia que todo evento é revestido de uma determinada carga de afeto e não apenas os sentimentos prazerosos e que temos consciência deles, mas também os mais angustiantes. Ao postular seu método de investigação psíquica considerou que na vida mental existem conteúdos que desconhecemos e que não dependem de nossa vontade para virem à tona.

Estas constatações nos levam ao objetivo, neste trabalho, de refletir sobre o sentido do afeto na psicanálise freudiana e suas possíveis contribuições no campo da educação. É um trabalho de cunho puramente teórico onde tomamos como referência básica a obra *Estudos Sobre a Histeria* de Sigmund Freud e Josef Breuer [2].

2 A CONCEPÇÃO PSICANALÍTICA DE AFETO

Em *Estudos Sobre Histeria* o caminho trilhado por Freud e Breuer para entenderem a natureza da alma humana foi compressão dos processos afetivos presentes nas relações comportamentais dos sujeitos. Pela experiência com mulheres acometidas de histeria tomaram o afeto como um representante da pulsão.

Não tentaremos aqui uma psicologia ou uma fisiologia dos afetos. [...] Contudo, os afetos “ativos”, “estênicos”, compensam o aumento da excitação por meio de uma descarga motora. O gritar e saltar de alegria, o tônus muscular aumentando a cólera, o discurso irado e a ação retaliativa permitem à excitação ecoar em movimentos. A dor psíquica descarrega em esforços respiratórios e em ato secretor: a solução é chorar (FREUD e BREUER, 1893/2016, p. 248-249).

Logo no capítulo introdutório dessa obra – *Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos* – eles atribuíram tamanha importância aos afetos ao ponto de afirmarem que em determinadas circunstâncias as dores físicas causam menos sofrimento que as dores da alma.

Na neurose traumática é o ferimento físico insignificante a causa efetiva da doença, mas o afeto de pavor, o *trauma psíquico* [...] Toda vivência que suscita os penosos afetos de pavor, angústia, vergonha, dor psíquica, pode atuar como trauma psíquico; se isso de fato acontece depende, compreensivelmente, da sensibilidade da pessoa afetada (FREUD e BREUER, 1893/2016, p. 22, grifo dos autores).

Assim, o trauma psíquico, ou mais precisamente, a lembrança dele, mesmo depois

de muito tempo do acontecimento ainda age como corpo estranho e atuante no presente. Assim, considerando que a escola é um ponto de convergência de vários sentimentos, é importante que o professor compreenda que sujeito aluno emerge de um contexto e é esse contexto que determina o seu lugar de fala. E esse contexto tem uma influência muito grande nos comportamentos dos sujeitos, sejam eles saudáveis ou neuróticos. A compreensão da posição da condição de falante professor e de falante aluno traz efeitos imediatos sobre o ofício de professor e o ofício de estudante e sobre os laços que criam nesse campo.

Para a psicanálise a reação é todo reflexo, voluntário ou involuntário, do choro até o ato de vingança. E é por meio das reações que os afetos se descarregam. “Quando essa reação ocorre em grau suficiente, faz desaparecer uma grande quantidade do afeto. Uma ofensa que é revidada, ainda que apenas com palavras, é lembrada diversamente de uma que se teve de aguentar” (FREUD e BREUER, 1893/2016, p. 27). Assim, o docente precisa ter clareza de que o sujeito reage a tudo vê e a tudo que ouve em relação a ele tanto de bom quanto de ruim e isso traz implicações ao processo de ensino e de aprendizagem. Nas reações do sujeito com o objeto de conhecimento a afetividade se faz presente na mediação sutil que incentiva a empatia e a curiosidade, contribuindo com que o sujeito avance em suas hipóteses e, conseqüentemente, no processo de desenvolvimento e aprendizagem. Nesse sentido razão e emoção não se dissociam, visto que uma não acontece sem a outra.

No capítulo II - *Casos Clínicos* – Freud relata o contato com cinco pacientes acometidas de histeria[3]. Todos os relatos são ricos em detalhes que denotam a importância que ele dá aos traços emocionais de cada uma delas. Nesses encontros, as variações afetivas - das paixões intensas às hostilidades ao médico/psicanalista e ao tratamento em geral - muitas vezes eram o indicativo da direção que ele dava ao tratamento. Embora Freud tenha tratado de casos clínicos, isso não significa que nós, professores e professoras, não possamos ressignificar os campos afetivos que permeiam nossos encontros com os discentes e sermos os primeiros a perceber que algo anda mal na relação da criança e do adolescente com o Outro.

Logo no começo de suas reflexões sobre as neuroses, Freud equacionou os afetos com uma quantidade em operação no psiquismo.

Em 1894, numa célebre passagem de *As neuropsicoses de defesa*, Freud (1894/1976) sugere que é preciso distinguir, nas funções psíquicas, algo (cota de afeto, soma de excitação) que tem todas as propriedades de uma quantidade - ainda que não tenhamos meio algum para medi-la -; algo que é suscetível de aumento, diminuição, deslocamento e descarga, e se difunde pelas vias mnêmicas das representações como o faria uma carga elétrica pela superfície dos corpos (WINOGRAD e TEIXEIRA, 2011, p. 167).

A ideia geral era que cada impressão psíquica estaria provida de certo valor afetivo, já que em todo indivíduo existiria a tendência a reduzir esta quantidade ao nível mínimo necessário para seu funcionamento psíquico. O psiquismo reagiria por via motora no sentido da descarga da quantidade recebida, dependendo disto o quanto restaria da intensidade da impressão psíquica recebida (FREUD e BREUER, 1893/2016). Nesse sentido, Freud alerta que é importante distinguir as formas e graus de excitação que ainda são úteis à atividade cerebral das que prejudicam. Define as primeiras como estimulação e as últimas como agitação.

Uma conversa interessante, um chá, um café estimulam; uma briga, uma dose maior de álcool agitam. Enquanto a estimulação desperta apenas o impulso de aproveitamento funcional da excitação aumentada, a agitação procura se descarregar em processos mais ou menos violentos, beirando o patológico, ou verdadeiramente mórbidos. Ela constitui o fundamento psicofísico dos afetos (FREUD e BREUER, 1893/2016, p. 182).

Freud considerava adequada a reação que descarregasse a mesma quantidade recebida e descreveu três modalidades gerais de descarga: 1) o processamento motor; 2) o processamento por palavras; 3) o processamento associativo. Na formação do sintoma neurótico, podem-se encontrar dois mecanismos: 1) a descarga do *quantum* de afeto teria sido suspensa e este teria se fixado numa representação diferente da qual estaria originalmente ligado, tornando esta nova representação patógena devido a uma intensidade excessiva e inadequada; ou 2) o *quantum* de afeto seria escoado para as inervações somáticas, produzindo alterações no funcionamento corporal usual. De maneira correspondente, na *ab-reação*[4], a descarga em palavras do quantum de afeto “estrangulado” drenava-o do psiquismo ao redirecioná-lo para a representação à qual estaria originalmente ligado, permitindo seu desgaste. Nesse sentido, Santos (2015) defende que a percepção da descarga e as sensações de prazer ou desprazer são imediatamente apreendidas na rede de representações que compõe o pré-consciente e o consciente. O afeto passa a ser a variação corporal e psíquica, bem como a apreensão desta variação pela consciência num movimento reflexivo. Segundo Corrêa (2005) Freud tenta sua primeira classificação das neuroses, levando em conta a forma pela qual um sujeito se comporta com relação aos seus afetos.

Em 1894 Freud escreveu a Wilhelm Fliess[5] informando ainda haviam lacunas grandes e pequenas nas questões das neuroses, mas que estava se aproximando de um contorno e de algumas perspectivas gerais. “Conheço três mecanismos: o da transformação dos afetos (histeria conversiva), o deslocamento do afeto (ideias obsessivas) e a troca de afetos (neurose de angústia e melancolia)” (CORREA, 2005, p. 64). No ano seguinte (1895) a noção de afeto assume grande importância nos "Estudos sobre a Histeria", quando na psicoterapia da histeria é descoberto o valor da ab-reação. O desenvolvimento do conceito de afeto fortalece a diretriz assumida por Freud em *Os Chistes* e sua relação com o Inconsciente (1905).

Em 1915, no estudo sobre a repressão trata do afeto relacionando a representação com o quantum, e em 1927 em "*Inibição, Sintoma e Angústia*", volta à perspectiva econômica do "*quantum de afeto*" relacionado à situação arcaica da urgência vital. Nesse trabalho, a angústia é um afeto que ocupa uma posição excepcional entre os estados afetivos, pois, será que conseguiremos compreender o que diferencia tal impressão (*Empfindung*) de outros afetos de desprazer-tensão, dor, luto?(CORREA, 2005, p. 65, grifo do autor)

Em outro trecho a questão ficou definida de forma mais clara. “A angústia é a reação ao perigo. E não podemos nos impedir de pensar que é graças à sua ligação com a essência do perigo que o afeto de angústia deve seu poder de conquistar uma posição excepcional na economia psíquica.” (FREUD, 1915, *apud* CORRÊA, 2015, p. 65). É também nesse texto, Segundo Corrêa (2005), que Freud se livra da questão da inferência de processos inconscientes a partir da consciência. Destituída a origem consciente, valoriza a inferência regressiva (*Zuruckerschliessen*), enfatizada, sobretudo, na natureza dos processos inconscientes. Em oposição à qualidade dos elementos conscientes, temos os processos essencialmente dependentes de uma determinação quantitativa. Assim, termos consciência das relações afetivas que ocorrem de forma sensível e predominante nos momentos de mediação cotidianas, em sala de aula ou mesmo fora dela, está em consonância com a ideia de educação mais humana, tratando o sujeito como pessoa completa e possibilitando que o momento de aprendizado não se desvincule do ser sujeito, isto é, dos seus interesses e necessidades.

3 PARA CONCLUIR

Nesse texto, propomo-nos refletir sobre o sentido do termo afeto na teoria psicanalítica e sua importância para a educação escolar. Optamos por uma análise da obra “*Estudos sobre a Histeria*” e uma das conclusões a que chegamos é que, se o afeto desempenha papel central em todos os modelos formulados para descrever os fenômenos psicológicos nos casos clínicos relatados nessa obra, certamente, desempenhará, também, papel fundamental nas atitudes do contexto escolar se o professor e a professora não se limitarem suas atuações na esfera cognitiva, desconsiderando as relações afetivas no aprendizado e desenvolvimento cognitivo.

Na obra analisada, os autores demonstram que todo sofrimento psíquico está ligado a um afeto intenso e defendem que os afetos devem sua importância na etiologia da histeria – hoje definida como transtorno dissociativo - devido ao fato de serem acompanhados de uma carga enorme de excitação. Estas, por sua vez, exigem uma descarga de acordo com o princípio da consciência. De modo semelhante, as experiências traumáticas devem sua força patogênica ao fato de elas produzirem quantidades de excitação grande demais para serem tratadas de maneira normal. Assim, a posição teórica subjacente é que a necessidade clínica da ab-reação do afeto e os resultados patogênicos que surgem quando ele fica estrangulado, são explicados pela tendência muito mais geral - expressa no princípio da consciência - a manter constante a quantidade de excitação.

REFERÊNCIAS

CORRÊA, Carlos Pinto. O afeto no tempo. **Periódicos Eletrônicos e Psicologia**. Nº 28, Belo Horizonte, s/v. p. 61-67, set. 2005.

FREUD, Sigmund e BREUER, Josef. **Estudos sobre a histeria**. Tradução de Laura Barreto. São Paulo: Companhia das Letras, 1893/2016.

REYS NETO, Bruno dos. **O problema do afeto em Freud e Lacan**. 1998. 142f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1998.

SANTOS, David Almeida dos. **Afeto e transferência na constituição do sujeito**. 2015. 123f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação. Universidade de Brasília. Brasília, 2015.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise**. Tradução de Vera Ribeiro, Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

WINOGRAD, Monah e TEIXEIRA, Leônia Cavalcanti. Afeto e Adoecimento do corpo: considerações psicanalíticas. In: **Ágora**. Rio de Janeiro, v. XIV, n. 2, p. 165-182, jul/dez. 2011.

ZIMERMANN, David. **Vocabulário contemporâneo de psicanálise**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

[1] Psicologia e Psicanálise são dois campos de conhecimento que estudam os processos mentais. Apesar de haverem muitos psicólogos psicanalistas, Psicanálise e Psicologia podem remeter a profissões diferentes.

[2] A edição tomada como referência para este trabalho foi traduzida por Laura Barreto e publicada pela editora Companhia das Letras em 2016. Os editores informam que a edição alemã que serviu de base foi *Obras Completas (Gesammelt Werke)* publicada em Londres entre 1940 e 1952.

[3] Embora a obra *Estudos Sobre a Histeria* seja da autoria de Freud e Breuer, somente o relato de um caso clínico - o da Srta. Ana O. - foi escrito por Breuer. Os demais - Sra. Emmy Von N., Miss Lucy R., Katharina e Srta., Elisabeth Von R. - foram escritos por Freud.

[4] Termo introduzido por Sigmund Freud e Josef Breuer em 1893, para definir um processo de descarga emocional que, liberando o afeto ligado à lembrança de um trauma, anula seus efeitos patogênicos (ROUDINESCO; PLON, 1997).

[5] Wilhelm Fliess foi um médico alemão especializado em cirurgia e otorrinolaringologia e um protagonista importante da pré-história da psicanálise. Encontrou-se com Freud em 1887, por sugestão de Josef Breuer. Após assistir a algumas conferências de Freud em Viena, formou fortes laços de amizade com ele, tornando-se seu confidente frequente e apoiador moral para a maioria das atividades produtivas de Freud.